

ESCRITORES QUE IMAGINARAM ENCICLOPÉDIAS

Podcast Bobagens Imperdíveis

Transcrição do episódio

Ninguém sabe de tudo. O saber é um processo que não acaba. Cada um tem seu tempo de chegar na informação. Não é um problema não saber algo, nem conhecer algo. Sempre vai ter algum espacinho para saber algo mais.

Por exemplo, eu não sabia até recentemente que existia uma árvore que, apesar de ter uma madeira boa para ser usada em construções, fede muito se exposta à umidade. Dizem que parece cheiro de cocô, de esgoto mesmo. Ela é conhecida em alguns lugares como canelinha, canela-imbuia, canela-fedorenta, canela-de-cheiro, canela-merda... e em São Paulo como canela-cheirosa. Eu senti foi um cheirinho de ironia paulista.

Ou ainda, descobri que até os anos 30, os discos de vinil eram embalados em papéis genéricos sem nenhuma identidade, até Alex Steinweiss, designer que trabalhava na Columbia, começar a desenhar artes bem trabalhadas pra cada álbum, usando elementos de pôsters e propagandas, que começaram a tornar os discos mais atraentes e venderem bem mais do que aqueles com embalagem padrão. Desde então os discos vêm em encartes bonitões, que a gente conhece hoje.

Cheguei nessas informações pesquisando algumas enciclopédias que tenho em casa: o guia Árvores Brasileiras, de Harri Lorenzi e da Stylepedia, de Steven Heller e Louise Fili.

Enciclopédias são esses empreendimentos super ambiciosas de compilar uma quantidade absurda de dados, de informações em uma publicação, que pode ou não vir dividida em volumes, com textos e imagens que visam explicar um assunto, e onde você vai encontrar mais sobre o tema da sua pesquisa, consultando a partir da primeira letra da coisa que você está procurando, seja ela o que for.

O que aliás começou a ser feito no século X, com a Suda, uma compilação de textos gregos clássicos feita por uns eruditos bizantinos, em Constantinopla, que tiveram ali a ideia de tornar esse conteúdo pesquisável catalogando os textos por ordem alfabética.

Essa informação eu descobri em outra enciclopédia que eu uso muito: a Wikipedia. Uma enciclopédia viva, que está em constante revisão e ampliação, alimentada de forma colaborativa, com centenas de verbetes sendo criados ou modificados a cada minuto.

Esses toques que você está ouvindo agora são gerados pelo site "Listen to Wikipedia" em que cada nota, cada som é uma página criada ou editada em tempo real enquanto gravo esse episódio. Essa é a velocidade de informação sendo colocada na Wikipedia.

Enciclopédias estão na base da minha educação. Tem toda uma memória afetiva ali. Todos aqueles anos copiando artigos da Barsa, à mão, pesquisando entre os volumes a palavra sobre a qual eu precisava saber mais. Talvez os novinhos não tenham passado por essa experiência. As coisas mudaram, mas as Enciclopédias continuam aí, servindo de ponto de partida. Abrindo nossa percepção sobre as coisas.

E o trabalho que dá escrever, ou pensar no projeto de uma enciclopédia!

No episódio de hoje vou contar duas histórias sobre enciclopédias com pretensões ambiciosas de possibilidade de acessar conhecimento. Uma que só existe na ficção (por enquanto) e outra que nunca chegou a ser publicada (bem, pelo menos não pelo seu idealizador).

Eu sou Aline Valek e você está ouvindo Bobagens Imperdíveis.

- - -

Imagine uma enciclopédia que guarda todo o conhecimento do Universo e que a disponibiliza para que você possa dar um uso prático quando estiver visitando os desertos do planeta Golgafrincham, por exemplo, e quiser saber mais sobre a lenda dos Grandes Poetas Circundantes de Arium.

Para quem nunca ouviu falar no Guia do Mochileiro das Galáxias, pode deixar que no próprio guia você vai encontrar um verbete que explica:

“O Guia do Mochileiro das Galáxias foi provavelmente o mais extraordinário dos livros publicados pelas grandes editoras de Ursa Menor – editoras das quais nenhum terráqueo jamais ouvira falar, também.

O livro é não apenas uma obra extraordinária como também um tremendo best-seller – mais popular que a Enciclopédia Celestial do Lar, mais vendido que Mais Cinquenta e Três Coisas para se Fazer em Gravidade Zero, e mais polêmico que a colossal trilogia filosófica de Oolonn Colluphid, Onde Deus Errou, Mais Alguns Grandes Erros de Deus e Quem É Esse Tal de Deus Afinal?

Em muitas das civilizações mais tranqüilonas da Borda Oriental da Galáxia, O Guia do Mochileiro das Galáxias já substituiu a grande Enciclopédia Galáctica como repositório-padrão de todo conhecimento e sabedoria, pois ainda que

contenha muitas omissões e textos apócrifos, ou pelo menos terrivelmente incorretos, ele é superior à obra mais antiga e mais prosaica em dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, é ligeiramente mais barato; em segundo lugar, traz impressa na capa, em letras garrafais e amigáveis, a frase NÃO ENTRE EM PÂNICO. "

O Guia do Mochileiro das Galáxias, além de ser uma enciclopédia intergaláctica com vários colaboradores espalhados pelo Universo, também é uma história maluca sobre um inglês de pijama viajando pelo espaço com um robô depressivo após o planeta Terra ser destruído para a construção de uma rodovia alien.

No meio disso, temos Ford Prefect, um cara de outro planeta que também escapa da destruição da Terra e que entre os itens essenciais que carrega, estão uma toalha, claro, muito versátil, e esse guia enciclopédico que reúne todo o conhecimento registrado sobre o Universo em um aparelho leve, portátil, do tamanho de um Kindle... e de um celular (coisas que nem estavam perto de existir na época em que essa história foi escrita).

- - -

O Guia do Mochileiro das Galáxias, escrito pelo britânico Douglas Adams, foi o livro que me introduziu à ficção científica e que me conquistou para a literatura desse gênero. E eu gosto tanto por ser uma história de comédia, muito inteligente, mas completamente absurda, que tira sarro de tudo, inclusive da ficção científica.

Douglas Adams era da comédia. Ele se formou em meio à cena do teatro de sua época. Conheceu alguns membros do Monty Python, um tradicional grupo de comédia britânico. Douglas chegou a escrever para eles, colaborou com o roteiro de Flying Circus, escreveu alguns sketches para esse programa de TV na época, início dos anos 70.

Num almoço com um produtor, vendeu a ideia do que se tornaria o Guia do Mochileiro das Galáxias, um projeto que acabou emplacando. A BBC comprou para se tornar um programa de rádio. Enquanto escrevia o audiodrama, escrevia roteiros para alguns episódios de Doctor Who, como freelancer.

Douglas Adams escrevia resmungando, era quase uma tortura. Ficava de saco cheio dos personagens, sofria um bom tempo com bloqueios, até ser pressionado pelos prazos. Cada palavra importava. Quando ele

Ele registrou em um caderno um pouco desse sentimento dele no meio do processo de escrita do Guia do Mochileiro:

Meme do Gil do Vigor indignado: CHEGA, eu não aguento MAIS!

Brincadeira, na verdade, ele escreveu o seguinte (mas é quase a mesma coisa):

Hoje estou monumentalmente farto da ideia de escrever. Na verdade, não escrevo nada há dois dias, e isso também me deixa farto.

Arthur Dent é um idiota. Ele não me interessa. Ford Prefect é um idiota. Ele não me interessa. Zaphod Beeblebrox é um idiota. Ele não me interessa. Marvin é um idiota. Ele não me interessa. O Guia do Mochileiro das Galáxias é uma burrice. Não me interessa.

O primeiro episódio do programa de rádio foi ao ar em 8 de março de 1978. Quase não foi divulgado, a premissa era estranha demais para a rede conseguir convencer as pessoas de ouvirem. Ainda assim, teve muitos ouvintes, que começavam a falar para outras pessoas e assim a história explodiu.

Fez tanto sucesso que no ano seguinte, em 1979, ele lançou em livro O Guia do Mochileiro das Galáxias. Que virou uma sequência de livros, incluindo os ótimos títulos: Restaurante no fim do Universo, A vida, o Universo e tudo mais, e Até mais e obrigada pelos peixes.

Depois foi adaptada para a TV e para o cinema, e ganhou até um dia no calendário, o Dia da Toalha, celebrado no dia 25 de maio. Uma homenagem dos fãs duas semanas depois da morte do autor, em 2001.

- - -

Ford, que no filme é interpretado pelo rapper Mos Def, maravilhoso, não tá andando pra lá e pra cá com o guia por acaso. Ele é um colaborador, ele viaja para pesquisar e escrever os verbetes do Guia. Ele veio pro nosso planeta, onde conheceu o Arthur Dent, o puro arquétipo do britânico, justamente para escrever um verbete sobre a Terra, que até então se resumia a uma única palavra: "Inofensiva."

Ele passou quinze anos vivendo aqui, disfarçado de terráqueo e coletando um material bem completo sobre a Terra, sobre a vida existente aqui, sobre a história, a cultura e os hábitos humanos, tudo o que ele viu e descobriu na sua tour terráquea.

Bem, quando ele apresentou o material que escreveu para os editores do Guia, eles deram uma enxugada no texto. No final, o verbete publicado foi reduzido a apenas duas palavras: "Praticamente inofensiva".

Sucinto, mas não deixa de ser verdadeiro, né. Com isso Douglas Adams mostra como é engraçada a nossa irrelevância cósmica. A piada aqui, somos nós. E o Ford, coitado, que teve todo esse trabalho para nada.

O que esse trecho também me leva a pensar é que mesmo tudo o que sabemos sobre o planeta em que vivemos vai ser apenas uma porção muito resumida do que ainda há para se saber.

Sobre Mario de Andrade e a Enciclopédia Brasileira

Mário de Andrade é um nome muito lembrado por ser um dos artistas e intelectuais que fizeram parte do movimento modernista cem anos atrás, da Semana de Arte Moderna de 22, e também por ser autor de *Macunaíma*, uma das grandes obras da literatura brasileira.

Esse romance surgiu como parte da sua vasta investigação sobre a cultura brasileira. Depois que ele viajou por anos pelo interior do Brasil, em Minas Gerais, na Amazônia e no Nordeste colhendo relatos folclóricos, manifestações culturais, ele teria sentado e em poucos dias vomitado *Macunaíma* no papel.

Assim como *O Guia do Mochileiro*, *Macunaíma* também é um livro todo trabalhado na sátira, numa época em que se estava buscando muito essa construção de uma identidade nacional, unificada, heróica, idealizada, e Mario fez isso criando um anti-herói que defendia a preguiça, a putaria, enfrentava os poderosos e proclamava: "muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são!"

Mas o que foi interessante descobrir foi um outro lado, talvez menos artístico de Mário de Andrade, é que ele foi funcionário público. Trabalhou uns anos no Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo.

Em 1935, quando ele foi convidado a integrar o governo, ele ficou super empolgado, porque estava cheio de ideias de projetos e iniciativas para democratizar a cultura no município.

Numa carta que ele escreveu pro parça dele Câmara Cascudo, historiador, estudioso da cultura e do folclore brasileiro, Mário escreveu:

"Bateu uma aura de progresso nesse município sofrido, veio um prefeito que topa das coisas de cultura também, incrível! E me chamaram para dirigir a coisa, imagine só, numa terra em que tudo está por fazer! Tou fazendo."

E de fato ele teve uma gestão muito produtiva. Ele levou as o ensino público infantil para os parques. Tornou a programação do Teatro Municipal mais acessível para a periferia. Fortaleceu a rede de bibliotecas, encheu a biblioteca de livros nacionais, porque antes a maioria era de livros estrangeiros.

Foi demitido, pela troca de governo, e a nova gestão não estava muito interessada em manter os projetos dele, e deve ter sido um bafão, porque Mário saiu decepcionado, deprimido, foi se exilar no Rio de Janeiro. Ficou quebrado cheio de dívidas. Começou a escrever críticas para alguns jornais, mais pelos boletos mesmo e

assim ir levando a vida depois de ver seu projeto despedaçado, jogado na BR.

Até que Gustavo Capanema, o ministro da educação da época, convidou Mário de Andrade para trabalhar no ministério. Isso na Era Vargas, e o governo tinha esse movimento de tentar definir a identidade brasileira, por isso se cercava de intelectuais, principalmente com os mais conservadores, mas também abriu espaço para uns mais progressistas, como foi o caso de Mário.

E o Mário topou, porque ele tinha ideias ousadas pro rumo da cultura. Ali ele ia tentar emplacar a mais ambiciosa delas, a Enciclopédia Brasileira – simplesmente a obra que iria reunir o máximo possível de conhecimento sobre nosso país, nossa cultura e a história do nosso povo.

Mais que isso, ele queria que fosse acessível à população. Que cada família brasileira pudesse ter em sua casa essa coleção de conhecimento, uma pequena biblioteca, financiada pelo Estado, que era a via que Mário enxergava de fazer um projeto dessa envergadura alcançar toda a população brasileira.

Ele partiu de alguns princípios que eram:

- ter uma linguagem acessível, simples
- trazer conhecimento que pudesse ser usado de forma prática
- trazer aspectos da cultura popular, transmitidas de forma oral, informal, e criar um registro formal para isso
- criar uma ponte entre a elite intelectual, que ia poder conhecer a cultura popular do país, e do povo, que também teria acesso a um conteúdo educativo.

Em 1939, Mário de Andrade sentou a bunda na cadeira e começou a escrever o anteprojeto. Ou seja: definiu como a Enciclopédia seria organizada, qual seria o direcionamento do trabalho, definiu os contornos da metodologia do projeto.

Vou ler aqui nas palavras do próprio Mário:

Somos um país de muito pequena elite cultural, larga massa camponesa analfabeta e populações urbanas irregularíssimas em sua cultura. A população dos alfabetizados tende a crescer, sobretudo nas cidades, e faz-se de grande urgência servir-lhe às necessidades gerais e técnicas de conhecimento intelectual. E é incontestável que a produção literária, tanto nacional como portuguesa, de livros e manuais técnicos de artes e ofícios, é quase nula, principalmente como valor, de forma que as classes dos operários em geral não encontram onde alimentar e desenvolver intelectualmente o conhecimento dos seus ofícios, e sequer a sua cultura geral.

Por outra parte, o homem alfabetizado, ainda por essa mesma deficiência de livros técnicos em língua nacional, desde que avança pelos estudos secundários, tende a aprofundar o seu conhecimento de uma ou mais línguas estrangeiras, de modo a suprir com literatura estranha o que a língua do país não lhe fornece.

Por tudo isto, parece que o ideal de uma enciclopédia brasileira nossa contemporânea será pretender uma aparentemente ambiciosa multivalência. Criar-se uma obra de caráter misto que possa, conforme o assunto, se dirigir à classe que este assunto diretamente interesse, e a todas as classes ser útil. Um critério conceptivo geral, nem histórico, nem filosófico, nem científico, mas francamente objetivo e realista e inteligentemente mudável, conforme a natureza mesma do verbete. Uma geral objetividade realista, nada sentimental, que não dê opiniões nem palpites, nem tome partido.

Sim, o objetivo dessa Enciclopédia era ser como o Norvane e unir todas as tribos. Algo praticamente impossível no Brasil.

O que aconteceu?

Em 1945 Mário sofre um ataque cardíaco e morre, aos 51 anos de idade. O projeto até continuou dentro do Ministério, mas ficou órfão do entusiasmo e da visão de Mário. Então uns anos depois, o projeto acabou morrendo também. Não chegou a passar dos verbetes da letra A e foi engavetado.

A única parte publicada foi o anteprojeto do Mário.

Mas eis que, 70 anos depois, um pesquisador espanhol teve contato com esse material, que usou como ponto de partida para fazer algo completamente diferente. Em vez de uma Enciclopédia Brasileira com verbetes organizados por ordem alfabética, optaram por organizar por temáticas. Tipo geografia brasileira, cultura, etc. Também se perdeu o caráter de ser financiado pelo Estado e chegar na casa de todos os brasileiros, e em vez disso ser vendido em cinco volumes, acompanhado de DVD.

Na época, isso causou um certo auê na mídia, o projeto saiu em grandes veículos jornalísticos, apareceu na TV... mas eu quase não encontrei vestígios da publicação. Onde achar essa Enciclopédia do Brasil? Já comecei a achar que estava delirando, que essa edição nunca existiu, até o Bito Teles e a Anna Clara de Vito, lá no grupo dos Valekers me ajudarem na investigação e acharem, num sebo virtual, um solitário volume dessa edição, já fora de catálogo. Ou seja, chegou a ser publicado, mas sem o impacto que Mário de Andrade pretendia.

Será que a Enciclopédia Brasileira, da forma que Mário imaginou, seria possível hoje?

Cada enciclopédia foi uma tentativa de um grupo de pessoas de catalogar, de registrar informação, de transmitir conhecimento, de definir o que a gente sabe sobre as coisas que existem! E esse é um trabalho sem fim.

Porque o mundo, e o conhecimento que a gente tem dele, estão em constante mudança. Capturar o que a gente sabe sobre as coisas é tentar capturar algo muito escorregadio. Mas ainda assim a gente tenta.

Mário de Andrade tentou. Douglas Adams brincou com a ideia. As coisas fogem de controle no processo, mas acabam fazendo eco, criando novas conexões, que é o que move pessoas criativas.

Desde que primeiro ouvi falar da internet eu via como esse chave de acesso a um conhecimento infinito. Que eu poderia consultar a qualquer momento de qualquer lugar para aprender algo, para descobrir algo novo. E realmente, a quanta informação a internet já me ajudou a encontrar.

Claro que hoje a internet é menos parecida com o silêncio de uma biblioteca e mais parecida com o barulho de um palco de programa de auditório, mas ainda acho que a internet pode ser o que a gente faz dela. É uma ferramenta como qualquer outra.

Por isso quero encerrar esse programa com um apelo para você que ouviu até aqui: apoie quem faz a internet que você quer ver... ou ouvir.

Porque as grandes marcas, as grandes empresas, o grosso da grana e da atenção vai para essa lógica do que gera engajamento. E isso tem promovido umas polêmicas rasas, gente que vive de aparecer em treta, violência, negacionismo, discurso de ódio, porque são discursos que geram raiva, que mexem direto no fígado das pessoas e fazem essa roda girar mais rápido. O resultado a gente tá vendo.

Quando você apoia os projetos que te enriquecem, que são construtivos, que te inspiram, você também ajuda a internet a ser algo diferente, a ser mais próximo da proposta que você acredita.

Tem muita gente cheia de projetos incríveis por aí que você pode apoiar, fazer uma doação, deixar comentários de incentivo.

Se Bobagens Imperdíveis é um desses podcasts que você quer promover, ajudar a ter vida longa, manter a frequência e a qualidade, primeiro, você pode compartilhar os episódios que você gosta, espalhar nas redes sociais, indicar pros amigos.

Você também pode apoiar com o valor que quiser, pelo tempo que puder em apoia.se/alinevalek. Com 5 reais mensais você já fortalece essa ideia e vem para o planeta Valeker.

Um beijo, a gente se encontra no próximo episódio.

E lembre-se: não entre em pânico.